

CADERNOS DO CEIS20

HOUSTON STEWART CHAMBERLAIN
Apontamento breve

N.05, 2007

FERNANDO MENDONÇA FAVA

CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DO SÉCULO XX

CADERNOS DO CEIS 20

FERNANDO MENDONÇA FAVA

HOUSTON STEWART CHAMBERLAIN:
APONTAMENTO BREVE

COIMBRA
2007

Os Cadernos do CEIS20 são publicados pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra-CEIS20. Esta publicação, de pequena dimensão, tem por objectivo dar a conhecer resultados parciais ou finais de pesquisas realizadas no âmbito deste Centro e reflectem, por isso, a actividade de investigação efectuada. Os trabalhos publicados têm que ser inéditos e devem incentivar o debate de temas e de problemas do século XX.

Coordenação: João Rui Pita

Coordenação Técnica: Isabel Maria Luciano

HOUSTON STEWART CHAMBERLAIN: APONTAMENTO BREVE

Autor: Fernando Mendonça Fava

Edição: CEIS20, Coimbra

Telefone: 239 708870 | Fax. 239 708871

E-Mail: ceis20@ci.uc.pt

URL: www.ceis20.uc.pt

Capa: Gonçalo Luciano

Impressão e acabamento: Imprensa de Coimbra, Lda

Depósito legal: 262618/07

ISBN: 978-972-8627-05-8

Fernando Mendonça Fava – Mestre em História; Colaborador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Séc. XX da Universidade de Coimbra - CEIS20.

A civilização não suprime a barbárie, aperfeiçoa-a.
(Voltaire)

1 – Introdução

Por meados do século XIX, o ascenso do *positivismo* e do *cientismo* (e de outros «ismos» subsequentes) vieram pôr em causa as classificações rácicas estabelecidas no século anterior, as quais, fazendo apenas algumas distinções de natureza histórica, agrupavam indistintamente todos os povos do Continente na raça branca.

Partindo agora duma perspectiva naturalista, os estudiosos empenharam-se na descoberta de subdivisões rácicas dos europeus a partir de distinções físicas e psíquicas, admitindo a presença no mesmo solo pátrio de duas ou mais raças. Esta atitude aparecia justificada pela existência disseminada de comunidades judaicas que, constituídas como nações dentro de outras nações, recusavam a assimilação. Nos representantes dessas comunidades passaram a ser visíveis características hereditárias, julgadas então como marcas de raça diferenciada. A «nação judia» que ainda no século anterior era catalogada como raça branca com um especial destino ditado pela *Providência* e por condicionalismos históricos, era agora (des) promovida à categoria de raça semita¹. Era chegado o tempo dos laboratórios biométricos e da antropometria e da frenologia como ciências de construção de padrões de estética e de valorização rácicas. Subjacente ficava o conceito ou preconceito

¹ Segundo a Bíblia, os descendentes de Sem, filho de Noé. O grupo etnolinguístico semita compreende hebreus, assírios, aramaicos, fenícios e árabes.

da desigualdade das raças e da impossibilidade de algumas, só por si, atingirem a riqueza, a moral e a felicidade que deveriam caracterizar os estádios civilizacionais adiantados. As regras ditadas por esses padrões apontavam para uma superioridade manifesta dos povos germânicos, oriundos do norte da Europa.

Concomitantemente, as ideias propagadas por Victor Courtet de L'Isle de que a história dos humanos era determinada não só pelas lutas interraciais mas também pelos cruzamentos entre as raças, foram um contributo decisivo para o aparecimento de construções teóricas com um cunho pretensamente científico. No mesmo sentido, os estudos de Arthur Gobineau² e de Charles Darwin³ vieram trazer um subsídio necessário a este caldo fervente em que se cozinhavam as bases de um racismo presuntivamente apadrinhado pela ciência vigente e pelas suas mais destacadas eminências.

Neste mesmo papel surgem com elevada projecção, já para finais do século, a figura e a obra de Houston Stewart Chamberlain, cujas teorizações acerca das especificidades das raças – atributos físicos, espiritualidades, imperfeições, qualidades, percursos históricos – conduziram à construção do mito da superioridade da raça ariana, de quem, em sua opinião insistentemente veiculada, os germanos do norte da Europa seriam os mais dignos representantes. O «calcanhar de Aquiles» desta privilegiada raça seria, por ironia, a existência de uma outra que Chamberlain nunca hesitou em classificar como uma raça manifestamente decadente. Essa era a raça judaica, espalhada por todos os cantos da Europa e muito expressivamente na Alemanha, facto que implicava um fenómeno crescente de miscigenação e uma

² **Joseph Arthur Gobineau** (1816-1882), filósofo e escritor francês. Oriundo de uma família pobre, criou para si próprio uma genealogia que o colocava como membro da aristocracia, fazendo-se mesmo conhecer por Conde de Gobineau.

³ **Charles Robert Darwin** (1809-1882), naturalista britânico que alcançou fama mundial com o seu livro *A Origem das Espécies*. Sobre o assunto ver Pereira, Ana Leonor, *Darwin em Portugal, Filosofia, História, Engenharia social*, Livraria Almedina, Coimbra, 2001.

consequente descaracterização e abastardamento da raça ariana. E isso, porque, segundo Chamberlain, quando duas raças humanas, bem distintas uma da outra, se cruzam num assíduo processo de fusão vão sendo progressivamente eliminados os traços e distinções mais nobres das raças fundidas. Para mais, a força geradora ou prolífica era tida como inversamente proporcional à nobreza da raça. Isto já fora afirmado com foros de cientificidade, quer com Darwin, quer com os estudos do psiquiatra Auguste Forel⁴. É sobretudo sobre esta particular questão que assenta toda a construção teórica de Chamberlain, bem assim como algumas suas propostas de sentido prático.

Nas páginas seguintes procurar-se-á dar a conhecer, de forma obviamente resumida, a vida, o pensamento e a obra dessa personagem chamada Houston Stewart Chamberlain, sem dúvida um homem do seu tempo, bem marcado pelo panorama cultural e científico do século XIX, muito atento sobretudo às emanações providas da França e da Alemanha. Poder-se-á afirmar que a herança espiritual deste pensador foi pesada e sinistra porquanto no rio das suas ideias beberam avidamente as grandes eminências do nazismo hitleriano. Da galeria dos presumíveis pais espirituais da ideologia rática nazi, Chamberlain será aquele cujo contributo foi o mais forte e o mais permanente, permanecendo a sua figura junto da elite dirigente do regime nazista como referência incontornável. Este homem, que teve inequivocamente algo a ver com a história trágica das guerras do século XX, continua no entanto a ser uma personalidade pouco conhecida. Compreende-se: para o bem e para o mal, sempre a opinião pública conhece melhor os agentes das acções que os seus arquitectores teóricos. Porque visivelmente mais distantes, estes, embora com responsabilidades acrescidas, restam quase sempre na sombra.

⁴ Cf. Chamberlain, Houston Stewart, *La Genèse du XIX^{ème} Siècle*, Paris, Librairie Payot, 1913, p. 391

2 - Darwinismo e Racismo

De certa maneira, é permitido dizer que Darwin, com a sua obra *A Origem das Espécies*, foi o pai das ideologias racistas que despontaram na Europa durante a segunda metade do século XIX, muito embora, partindo das suas proposições, não seja lícito afirmar que o cientista inglês fosse um racista ou intencionalmente procurasse alimentar preconceitos rácicos. Todavia, as suas afirmações, inseridas na ideia de que da desproporção existente entre a população mundial e os meios necessários à sua subsistência resultava, de acordo com as leis da natureza, uma constante luta pela sobrevivência de que somente sairiam vencedores os mais fortes e mais aptos, foram o dado de que os racistas necessitavam para outorgarem às suas propostas e asserções um cariz de cientificidade. O chamado *social-darwinismo* foi um campo largo de utilizações. Para além de constituir um argumento a favor das teses de esterilização dos mais fracos e desajustados, também no campo da política os sectores direitistas anti-liberais o utilizavam para combater a democracia e o voto universal.

Criado assim o ambiente necessário, emergiram então na Europa, sob uma pretensa capa científica, construções teóricas onde se instituíam conceitos e tabelas de valorização rácica com um conteúdo moral assente nos «inegáveis direitos» das raças consideradas superiores, à luz de critérios pressupostamente científicos. Entre os vários fundadores e mentores dessas ideologias serão de destacar nomes como os de Joseph Arthur Gobineau e Houston Stewart Chamberlain.

No seu *Ensaio Sobre a Desigualdade das Raças Humanas*, publicado em 1853, Gobineau, sustentando que a raça é factor determinante do desenvolvimento humano, defende a necessidade de as raças superiores conservarem intacta a sua pureza racial. Em sua opinião, a raça ariana fora a que, historicamente, demonstrara ser a mais apta, logo a mais capaz de sobreviver. Porém esta raça superior corria o sério risco de declínio e mesmo desaparecimento se continuasse a miscigenar-se com outras raças, manifestamente inferiores. Para o ensaísta havia três raças principais: a branca que, animada

pela honra, gozava de uma aptidão civilizadora; a negra que, sendo a variedade mais modesta, jazia no fundo da escala; e a amarela cuja tendência natural não era senão a mediocridade⁵.

Subsidiário destas ideias mas recusando uma herança gobiniana, Houston Stewart Chamberlain anuncia-se seguidor de Darwin, ainda que critique neste um excessivo materialismo. Para este inglês, ao espírito superior da raça ariana estaria naturalmente reservada a missão de governar o mundo e criar uma nova civilização. Mas, para tanto, seria preciso que os arianos velassem pela sua pureza rática posto que já Darwin havia ensinado que “free crossing obliterates characters”⁶. No dizer de Ana Leonor Pereira, esta é uma citação abusiva porquanto o que Darwin de facto escreveu foi: «Free intercrossing obliterates the differences between allied breeds»⁷.

Chamberlain versou todo este seu ideário no livro que escreveu, em língua germânica com o título original *Die Grundlagen des Neunzehnten Jarrhunderts*, publicado em 1899, traduzido para inglês em 1910 (*The Foundations of Nineteenth Century*) e para francês (*La Genèse du XIX^{ème} Siècle*) em 1913. Uma tradução aproximada do título para português poderá ser: *Fundamentos do Século XIX*.

O tema dominante deste livro é o da afirmação de uma superioridade civilizacional do Ocidente, presumidamente provinda da influência positiva da raça germânica, na opinião do autor, a grande obreira do progresso histórico. Ao invés, as outras raças, designadamente a semita, constituíam um impedimento ou um travão a esse mesmo progresso. A superioridade da raça ariana, apontada assim como motor da história, manifestar-se-ia distintamente nos planos moral, cultural, científico e tecnológico. Na sua apologia, Chamberlain vai ao ponto de afirmar que “mesmo que estivesse pro-

⁵ Cf. “Página de Moçambique Editora, Dossiers Temáticos do Racismo – A. Gobineau”, on line http://www.me.co.mz/educacao/dossiers/pagina.jsp?id_pagina=180, 19 de Setembro de 2006.

⁶ Chamberlain, H.S., *La Genèse du XX^{ème} Siècle*, Paris, Payot, 1913, vol.1, p. 356

⁷ Cf. Pereira, Ana Leonor, *Darwin em Portugal*, Coimbra, Almedina, 2001, p. 306

vado que nunca existiu uma raça ariana no passado, queríamos que existisse uma no futuro: para os homens de acção, eis o ponto de vista do futuro”⁸.

Vejamos a seguir, mais de perto, quem foi Houston Stewart Chamberlain.

3 – Infância e Juventude

Filho do Vice-Almirante inglês, William Charles Chamberlain, Houston Stewart Chamberlain nasceu a 9 de Setembro de 1855 em Southsea, Inglaterra. Não perfizera um ano de vida quando sua mãe faleceu, sendo por isso enviado para França onde foi entregue aos cuidados de uma avó. Neste país onde passou a sua infância e cursou as primeiras letras, presenciou, aos três anos de idade, o aparecimento do cometa *Donati*⁹, facto que o impressionou e ficou gravado na sua memória e ao qual ele sempre atribuiu o seu grande interesse por astronomia e fenómenos naturais.

Em 1866, seu pai fê-lo ingressar numa escola de formação de oficiais do exército e da marinha, em Inglaterra, porém o jovem Chamberlain, contrariando as tradições de família, não sentia qualquer espécie de atracção pela carreira militar e mostrava-se muito mais interessado em estudar música, literatura e astronomia. Ao perfazer 14 anos de idade caiu gravemente doente sendo-lhe diagnosticado, erradamente, um princípio de tuberculose, quando, na verdade, sofria de distúrbios de origem nervosa, mal de que não se curará nunca e que, agravando-se com a idade, acabará por estar na causa da sua morte, em 1927.

⁸ Ver “Página de Moçambique Editora, Dossiers Temáticos do Racismo – H.S. Chamberlain”, on line http://www.me.co.mz/educacao/dossiers/pagina.jsp?id_pagina=180, 19/09/06.

⁹ Cometa não periódico, descoberto em 1858, pelo astrónomo italiano Giovanni Baptistista Donati.

Deixou então a Inglaterra em busca de cura em estâncias de saúde como Bad Ems, Montreux e Cannes. Nestas suas forçadas deambulações acompanharam-no uma tia, Harriett Mary Chamberlain e um professor particular de nacionalidade prussiana, chamado Otto Kuntze. Com este preceptor aprendeu Chamberlain a história, a filosofia, a língua, a literatura e a cultura alemãs. Recusando-se a voltar para Inglaterra apesar das insistências de seu pai, foi para Florença para estudar botânica na Universidade local. Aí encantou-se com a arte e a cultura florentinas, demorando-se vários meses na cidade. Num albergue italiano local ouviu, por simples acaso, uns trechos de música de Beethoven, facto que o deixou num estado de emoção quase místico. Pouco tempo depois assiste, em Bayreuth, a vários espectáculos da ópera de Wagner, experiência que, igualmente, o deixa extasiado. Lê então, intensamente, autores franceses – Montaigne, Pascal, Rousseau, Voltaire, Flaubert – em quem admira a clareza do estilo clássico. Fora desse âmbito aprecia também Goethe e Cervantes.

No ano de 1879 inscreveu-se na Faculdade de Ciências Naturais da Universidade de Genebra onde estudou botânica com o professor Carl Vogt, obtendo o grau de bacharel. Depois fixou residência em Dresden, dando início a uma tese de doutoramento sobre a seiva das plantas, tese que defenderá em 1897 perante o fisiologista Julius Wiesner, da parte de quem lhe são tecidos rasgados elogios e louvores.

Deslocando-se de novo a Bayreuth, em 1882, para ver a representação do Parsifal de Wagner, Chamberlain fica de novo maravilhado pela música e pela poesia desta ópera, a última composta por Richard Wagner. Funda então, conjuntamente com o poeta e dramaturgo francês Edouard Dujardin, a *Revista Wagneriana*, cujo primeiro número saiu em Fevereiro de 1885.

Vem a propósito recordar que as grandes linhas temáticas da obra musical de Wagner são essas do mitologizado protagonismo histórico do homem alemão, da superioridade racial germânica e de um neopaganismo que se apodera da figura de Cristo e a germaniza, relacionando-a com o deus nórdico Wotan. Tal como afirma Léon Poliakov, o Parsifal é o “[...]”

Cristo-cavaleiro germânico [...]”¹⁰. Devido, em primeira mão, à figura e obra de Wagner e, posteriormente, à ação dos seus mais fervorosos admiradores e discípulos, entre os quais, obviamente, Chamberlain, Bayreuth tornou-se uma espécie de santuário do mito ariano.

Durante a sua estadia em Dresden, Chamberlain foi de novo apoquentado pela sua doença. Desta feita, os médicos diagnosticaram-lhe neurastenia, ao tempo uma doença em voga. Necessitado de repouso, permanece em Dresden até 1888, estudando e escrevendo. Em 1889 muda-se para Viena para aí prosseguir os seus estudos sobre a fisiologia das plantas, mas, como ele próprio afirma na sua autobiografia, foi de tal forma assaltado pelo demónio da escrita que, não o podendo ignorar, decidiu a partir de então tornar-se escritor¹¹. Da sua estadia em Viena dirá: “ Ce qui est franchement désagréable ici, c’est l’énorme quantité de juifs; mais heureusement ils ont leurs quartiers préférés (où il est presque impossible à un chrétien d’habiter)”¹².

Começa então a escrever sobre o drama wagneriano e em 1892 publica *Das Drama Richard Wagner’s*, o seu primeiro livro a que se segue um segundo com o título de *Richard Wagner*, em 1896. Ambos os livros são obras de conteúdo didático que proporcionam uma visão de conjunto e de didactismo sobre a música, a poesia e a pessoa de Wagner. Lidos por Cosima Wagner, filha de Franz Liszt e viúva de Richard Wagner (falecido em 1883), esta encontrou-se com Chamberlain em 1888, sendo esse um momento que marcou o início de uma duradoura amizade que envolveu uma intensa troca de correspondência.

¹⁰ Poliakov, Léon, *O Mito Ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*, São Paulo – Brasil, Perspectiva, 1974, p. 101.

¹¹ Ver “H. S. Chamberlain, *Biography - The Writing Demon*”, on line www.hschamberlain.net/index.html, 19/09/2006..

¹² Dujardin, Edouard, *Rencontres avec Houston Stewart Chamberlain*, Editions Bernard Grasset, Paris, 1943, p. 70

Os escritos sobre a figura e a obra de Wagner trouxeram-lhe acrescida notoriedade como pensador e como escritor o que explica o facto de o editor F. Bruckmann de Munique lhe encomendar, em Fevereiro de 1896, um livro que expendesse uma análise crítica sobre o século dezanove. Escrito em cerca de ano e meio, tal livro tornar-se-á a grande obra da sua carreira de escritor.

4 – Obra Capital

Respondendo à encomenda, Chamberlain começou a escrever na Primavera de 1897, terminando no Outono de 1898, um livro, a que deu o título de *Die Grundlagen des Neunzehnten Jahrhunderts* (atrás referido, p.5). Vindo a público em 1899, de imediato registou um enorme sucesso e se tornou um best seller com muitas edições em várias línguas. Em Berlim foi durante muito tempo o tema preferido das conversas diárias das pessoas cultas. O enorme sucesso trouxe ao autor a fama e os cumprimentos de celebridades como os naturalistas Ernst Haeckel e Julius Wiesner e o teólogo do protestantismo Adolf Von Harnack. Fora da Alemanha foi saudado por personalidades como o célebre escritor irlandês George Bernard Shaw, o presidente norte-americano Theodore Roosevelt e o futuro ditador italiano Benito Mussolini. Aceite nos meios intelectuais alemães como um dos grandes teóricos do pangermanismo, Chamberlain tornou-se amigo pessoal e conselheiro do Imperador Guilherme II, com quem trocou correspondência pessoal durante vários anos.

Em boa verdade, o grande êxito do livro deveu-se ao facto de sistematizar ideias e sentimentos que ocupavam à data a mente de muita gente, isso mesmo notado por Robert Godet no prefácio à sexta edição da obra em língua francesa, onde afirma: “Chamberlain nous révèle un état d’âme dont beaucoup de ses lecteurs accusaient les symptômes et qu’il confirme en imprimant à leurs esprits sa direction¹³.”

¹³ Chamberlain, H.S., *La Genèse du XIX^{ème} Siècle*, Tomo I, p. VIII.

Nesta obra de Chamberlain o racismo e o anti-semitismo são os traços dominantes. Aí se afirma a superioridade da raça ariana sobre todas as outras e se atribui ao povo germânico ímpares e superiores qualidades físicas e mentais. E daí o pretense protagonismo dos germânicos como povo fator da história do Ocidente, mormente a partir do caos étnico (“cette humanité destituée de race et de nationalité”¹⁴) gerado com a decadência e queda do Império Romano. Neste particular, a ideia que o autor pretende infundir é a de que, perante os escombros daquele Império e a ameaça de barbárie, os povos germânicos espalhando-se então por todo o ocidente europeu, impuseram o seu domínio e levaram a toda a parte o seu facho civilizacional, criando as sociabilidades e as nações a partir das quais, lentamente, começou a surgir uma nova realidade política e cultural, a Europa Ocidental, reputadamente um espaço de «preponderância moral e intelectual» e um farol de luz e de esperança para o resto do mundo¹⁵. E se nesse espaço, reforça o autor, aconteceram, ao longo dos tempos, as maiores realizações humanas, elas são ainda devidas à excelência racial da germanidade porque operadas pelo gênio criador de homens cuja etnicidade radica, inequivocamente, na excelência da teutónica espécie.

Todavia, e esta é uma outra linha de força do pensamento de Chamberlain, «o perigo judeu» ou seja, a presença de judeus na Europa, poderia vir a comprometer a continuação da raça ariana na sua pureza e, por consequência também o prosseguimento da sua missão histórica e civilizacional. É que, ainda de acordo com o autor do livro, o prático e negocial espírito semita permite que os judeus se apossam de grandes quantidades de dinheiro que utilizam em usuras, ao peso das quais sujeitam à sua vontade, pessoas, instituições e governos. Por outro lado, afirma, muito embora as leis da *Tora*¹⁶ condenem a miscigenação, muitos são os judeus que se cruzam com indo-europeus, inundando estes de sangue judeu: “Si cela conti-

¹⁴ Idem, *Ibidem*, p. 424

¹⁵ Cf. Idem, *ibidem*, p. 428.

¹⁶ Livro sagrado dos judeus. O original foi transmitido por Deus a Moisés.

nuait ainsi pendant une couple de siècles, l'Europe ne compterait plus un seul peuple de race pure, hormis celui des Juif : tout le reste ne formerait qu'une masse amorphe de métis pseudohebraïques, c'est-à-dire un troupeau humain indubitavelmente dégénéré au point de vue physique, intellectuel et moral"¹⁷.

Na opinião de Chamberlain, a raça judaica era possuidora de traços demasiado fortes e marcantes para que pudesse ser enobrecida pelo sangue ariano e este, ao cruzar-se com uma raça inferior, tenderia a perder qualidades. Miscigenando-se, ambas as raças caminhariam inexoravelmente para a degenerescência. E, para maior perigo, sempre existira e continuava a existir, entre a raça judia, uma elite que observando escrupulosamente os preceitos religiosos, excluía a todo o transe o casamento entre judeus e não judeus, mantendo assim a sua pureza rática, tudo se fundando na crença imperialista da dominação universal prometida à nação hebraica pelo seu Deus, Jeová. Assim sendo, no advento previsível de um novo caos étnico, essa promessa decerto cumprir-se-ia.

Necessário se tornava, por conseguinte, reduzir o sionismo à sua verdadeira natureza e posição, desfazendo o mal-entendido histórico da atribuição aos judeus da condição de povo eleito e do mérito de terem instituído uma religião grandiosa na qual se filia o Cristianismo, coisa que no entender de Chamberlain estava muito longe de ser verdade. Em seu juízo, o judeu havia de ser julgado por aquilo que ele realmente é e pelo que pretende alcançar, e esse julgamento deveria ser feito a partir de uma análise lúcida do fenómeno, ao abrigo de um entendimento não dominado pelo ódio e distanciado de quaisquer efabulações. E esta era, o autor apressa-se a confirmá-lo, uma visão das coisas conferida naturalmente pela superioridade da raça ariana, de resto, visão já defendida por seres eminentes como Goethe e Herder.

Algo era, pois, preciso fazer e sem demora, para salvar a raça ariana desse tremendo perigo que era a raça judaica. Ora, não sendo a raça pura,

¹⁷ Chamberlain, H. S., *La Genèse du XIX^{ème} Siècle*, p. 439.

no presente estágio civilizacional, uma dádiva da natureza, a solução estava no futuro (a proposta contrária a visão pessimista de Gobineau) e residia em aplicar ao homem os métodos e as medidas da selecção artificial. Paradoxalmente, o homem que verberara em Darwin um excesso de materialismo, não conseguia ver quanto disso estava recheada a sua proposta eugénica de reconstrução de uma «raça nobre». Sendo, como era, um especialista em Botânica, Chamberlain estava, certamente, apetrechado dos necessários conhecimentos para perorar sobre questões de selecção artificial. Vemos, no entanto que, a este respeito, ele não constrói uma tese própria, antes se apoia nas propostas eugénicas do antropologista inglês Francis Galton. Estas apontavam para um possível melhoramento da raça humana, através de políticas públicas que visavam permitir a procriação apenas aos melhores e mais aptos e, em simultâneo, esterilizar e/ou impedir o acesso ao casamento de indivíduos considerados desqualificados e inaptos para a procriação. Cuidados de eugenia que, segundo Galton, se impunham face a uma atenuação dos rigores da selecção natural (permitida pelas doçuras da civilização) que possibilitava a sobrevivência dos menos aptos¹⁸. Com efeito, o cidadão inglês Francis Galton, parente de Charles Darwin, havia publicado em 1865 um livro sob o título de *Hereditary Talent and Genius*, no qual insere a opinião de que “ as forças cegas da selecção natural, como agente propulsor do progresso, devem ser substituídas por uma selecção consciente e os homens devem usar todos os conhecimentos adquiridos pelo estudo e processo de evolução nos tempos passados, a fim de promover o progresso físico e moral no futuro”¹⁹. Asseverando que a inteligência é hereditária tanto quanto os traços fisionómicos o são, elaborou uma tábua de coeficientes numéricos de valorização rática a partir da qual estabeleceu que a raça negra africana era inferior à branca em «dois graus» sendo que para a raça

¹⁸ Cf. Galton's autobiography – último capítulo (race improvement), on line <http://galton.org/>, 20/09/06.

¹⁹ Cf. Goldim, José Roberto, *Eugenia*, on line <http://www.ufrgs.br/bioetica/eugenia.htm>, 20/09/06.

negra australiana a diferença em relação à raça branca seria já de «três graus». Ora, segundo Galton, o conhecimento destes dados possibilitariam a aplicação prática de regras de eugenia que viriam a permitir o surgimento de «uma raça de homens altamente dotada»²⁰.

As ideias de Galton fizeram escola no século dezanove, sobretudo na Suécia e nos Estados Unidos da América. Abraçando-as também, Chamberlain, simplesmente ou simplisticamente, substitui a dicotomia «aptos / não aptos» proposta por Galton pela de «Germanos / não Germanos» ou, como ele próprio afirma: “entre ceux qui sont physiquement et moralement «Germains» et ceux qui le ne sont pas”²¹.

Note-se a propósito que a concepção de raça ariana é, em Chamberlain, uma construção com um aparente sentido lato, porquanto nela se incluem, para além de germanos, também celtas e eslavos autênticos, no entanto em *Die Grundlagen*, as referências acabam por recair estritamente no povo alemão, restando esta uma questão mal explicada ainda que a sua nacionalidade inglesa lhe emprestasse, no caso, um presumível estatuto de outsider e por conseguinte de insuspeito. Na verdade, Chamberlain, desde cedo professou uma aberta admiração e um entranhado amor pela pátria de Goethe e de Wagner, sentimentos bem visíveis numa carta que, em 23 de Maio de 1876, escreveu à então sua noiva, Anna Horst. O conteúdo dessa carta foi transcrito para um livro por Édouard Dujardin. Atente-se nas passagens seguintes: “ Je ne puis te dire combien croissent ma vénération, mon amour passionné pour L’Allemagne et ma foi en ses destinées. [...] Ma conviction c’est que l’avenir de l’Europe – autrement dit la civilisation du monde – repose entre les mains de l’Allemagne. [...] Ah! chère nation allemande ! Ne découvriras-tu donc jamais la grandeur de ta tâche, et ne verras-tu pas que tes voies ne peuvent pas être celles de les autres peuples?”²².

²⁰ Cf. Poliakov, Léon, *O Mito Ariano...*, p. 285

²¹ Chamberlain, H.S., *La Genèse...*, p. 1413

²² Dujardin, Edouard, *Ob. Cit.*, pp. 108-109

5 – Um Cristo Ariano

Com um tal conteúdo, o livro *Die Grundlagen* não tardou a instituir-se como um dos pilares da corrente *völkisch* ou seja, do movimento nacionalista-racista alemão em que pontificava o ideólogo nacionalista Artur Dinter, amigo pessoal de Chamberlain, que retoma e desenvolve a teoria duma origem não judia do cristianismo abordada e defendida no livro.

Esta tese é, aliás, recorrente nos escritos de Chamberlain que aceita e venera a figura de Cristo, Filho do Homem, desligada de toda a historicidade que em torno de Si fora construída pelas igrejas. E como é este o Cristo que ele havia elegido como referência máxima da religião livre e intimista abraçada pela raça germânica, impossível se tornava pois nele a hipótese de aceitar uma natureza judia no Nazareno. Compreende-se assim que tenha pretendido encontrar em Jesus uma necessária ascendência não judia e, de preferência, ariana. Mas, não sendo possível apresentar provas concludentes acerca de tal pretensão, Chamberlain fica-se pela adução de alguns argumentos com alguma carga de plausibilidade. Daí que nunca se tenha atrevido a afirmar peremptoriamente que Cristo fora um ariano, mas tão somente a lançar a interrogação: “le Christ était-il juif?”²³.

Para estribar a hipótese que lança, socorre-se de textos bíblicos e começa por dizer que a palavra Galileia, provém de *Gelil haggoyim* que em hebraico significa círculo ou distrito dos pagãos ou gentios. Era uma região situada ao norte da Palestina, a uma distância bem mais curta de Tiro e de Sídón (antiga Fenícia e actual Líbano) que do centro do mundo judeu, em Jerusalém. Continuando, diz que a Galileia era habitada por populações heterogêneas, na sua maioria de ascendência não judia, acabando por ser vendida por Salomão ao rei de Tiro que para lá levou povos seus. Posteriormente, por volta do ano 720 A. C., o Império Assírio-Babilónico conquistou a Palestina que à altura estava já dividida em dois reinos: o de Israel, ao norte e o de Judá, a sul. Os habitantes foram levados em cativo

²³ Chamberlain, H.S., *Ob. Cit.*, p. 286

para Babilônia e enquanto o sul permaneceu despovoado, a Galileia, rica de solos e geograficamente bem situada, foi colonizada por gentes vindas de toda a parte do imenso Império e também por fenícios e gregos²⁴. Estes últimos seriam numerosos, dado importante de onde Chamberlain, prestamente, extrai a premissa de uma não desprezível introdução de sangue ariano puro na Galileia. Esforçando-se ainda por juntar a estes, outros argumentos de natureza política e linguística, conclui pela certeza duma ascendência não judia em Cristo. Este, um exercício acadêmico razoavelmente dotado de lógica, porém longe de ser convincente. Não se podendo afirmar que a conclusão é, de todo, infundada, ela não deixa, ainda assim, de ser arriscada. Naturalmente geradora de polémica e muito contestada, nunca teve o poder de suplantar uma verdade que, bem ou mal, estava de há muito estabelecida.

Sobre esta questão de um pretenso cristianismo «ariano», Chamberlain manteve, durante os anos de 1902 e 1903, uma acesa polémica com Friedrich Delitzsch, historiador de temas bíblicos e reputado assiriólogo. Nos anexos à edição francesa dos *Grundlagen*, são verberadas as considerações e afirmações de Delitzsch inscritas no seu livro *Babel und Bibel*, quanto a uma propensão, em sua opinião desde sempre existente, dos povos semitas para serem monoteístas. Posição que Chamberlain se apressa a contrariar porquanto já nos *Grundlagen* havia apelidado os judeus e todos os semitas de fabricantes e adoradores de ídolos²⁵. E recusa com veemência as origens do Cristianismo no *Antigo Testamento*, ao mesmo tempo que o identifica, enquanto desligado de toda a influência judaica e da igreja católica, como a religião dos germanos. É no decorrer deste debate que Chamberlain publica um pequeno livro com o título «Palavras de Cristo» (*Worte Christi*, 1902) como primeiro resultado de uma busca incessante de argumentos históricos que cimentem a construção ideal de uma religião cristã essencialmente germânica.

²⁴ Cf. Idem, *Ibidem*, pp. 286 a 299

²⁵ Cf. Chamberlain, H.S., *Obra citada*, p. 313.

O conteúdo do livro é composto por palavras de Jesus recolhidas dos evangelhos sinópticos, ou seja dos evangelhos de Mateus, de Marcos e de Lucas. A este propósito, toda a intenção de Chamberlain se centra na ideia de uma completa germanização da religião do Cristo, outorgando-lhe uma outra filiação rática, subtraindo o cristianismo à sua herança judaica e, ao mesmo tempo, expurgando-o de uma ganga ideológica que, em seu entender, não lhe era própria, mas, sim, emprestada pelas igrejas. Assim, uma tal religião encaixar-se-ia perfeitamente na mística racista de um povo superior, tal e qual o germânico, afinal «eleito para a missão sagrada de salvar e redimir o mundo».

Se, por um lado, é certo que a comunidade internacional de filósofos, cientistas e homens de cultura, na sua grande maioria, não se deixou convencer pelas teses de Chamberlain, não é menos verdade, por outro lado, que aquelas, no que têm de pior, foram bem acolhidas por investigadores universitários como Fritz Lenz e Eugen Fischer que viram na sua essência e nas propostas de eugenia ali contidas um meio para justificar a implementação de medidas tendentes a travar ou contrariar uma miscigenação que, em sua opinião, conduziria, fatalmente, à degenerescência da raça germânica²⁶. Ambos se tornaram destacadas figuras dessa pseudo-ciência chamada «higiene racial», chegando Fischer a ser nomeado reitor da Universidade de Berlim, já em pleno regime nazi. Crê-se que os trabalhos teóricos de ambos contribuíram para a morte de milhões de judeus.

Também não poderá ser ignorada a influência que o livro de Chamberlain exerceu sobre o escritor e político Moeller Van den Bruck, fundador do movimento chamado *Revolução Conservadora*, na Alemanha dos anos que se seguiram à *Primeira Guerra Mundial*. O movimento pugnava por um poder com autoridade, exercido pelos indivíduos considerados mais competentes, independentemente das suas origens de classe. Na sua mais

²⁶ Cf. Tort, Patrick, *Dictionnaire du Darwinisme et de L'Évolution*, Paris, PUF, 1996, p. 566

importante obra, o «Terceiro Império» (*Das Dritte Reich*, 1923), Van den Bruck fala já de uma terceira via alternativa ao liberalismo e ao marxismo. Era um apoio aberto ao nacional – socialismo já então em ascensão na Alemanha e que, por meios violentos e pouco lícitos, chegaria ao poder dez anos mais tarde, ou seja em 1933, começando então a corrida para a hecatombe que se viria a abater sobre a Europa e o Mundo.

6 – Os Anos de Bayreuth

No Outono de 1906, Chamberlain divorciou-se de Anna Horst pondo fim a um casamento que durava desde 1878. Dois anos mais tarde, em 1908, desposou Eva Wagner, filha de Richard e de Cosima Wagner, e instalou-se definitivamente em Bayreuth. Os escritos de natureza nacionalista e pan-germanista que então produziu conferiram-lhe a reputação de membro mais activo do chamado *Círculo de Bayreuth* e estreitaram a amizade e a proximidade que o ligava ao Kaiser, Guilherme II, com quem continuava a manter uma regular correspondência.

Durante a guerra, instalando-se na Alemanha um ambiente de viva animosidade contra a Inglaterra, Chamberlain que continuava a ser um inglês, viu-se compelido a manter alguma discrição. Permanece então na sua casa de Bayreuth onde constrói um observatório astronómico e se distrai observando a abóbada celeste. Em breve porém, as autoridades militares o intimam a encerrar essa actividade e a desmontar o observatório sob o pretexto de que o mesmo poderia eventualmente servir para transmitir sinais ao inimigo, isto é, à Inglaterra. Chamberlain sente-se profundamente ultrajado e queixa-se ao seu amigo Imperador, porém, na circunstância, nem mesmo este pôde valer-lhe. A propósito do incidente, conta o escritor e académico Ernest Seillère que um empregado de Chamberlain esbofeteou em plena rua um homem do povo que alto e bom som, dizia o seguinte: “Ah! Enfin, on a pincé l’Anglais à faire des signaux lumineux! ... La cahute,

là-haut, est déjà fermée, et il sera fusillé demain!"²⁷. Episódio burlesco que, no entanto, dá conta do clima de guerra e dum correlativo estado de alma das populações.

Privado assim da sua actividade lúdica de astrónomo, Chamberlain dedica-se a escrever uma série de ensaios sob a epígrafe *Kriegsaufsätze*, os quais, apesar do seu aspecto pretensamente didáctico e educacional, mais não são que propaganda que tenta justificar uma concepção maniqueísta da guerra em que de um lado estão os germânicos que lutam pela moral, pela verdade e pela liberdade e do outro lado estão os representantes do capital, adoradores e servidores de *Mammon*²⁸, que buscam a conquista por meio da mentira e da traição²⁹. Neste contexto, o ensaísta tece críticas particularmente severas ao seu país de origem, a Inglaterra. É grande o sucesso alcançado pelos ensaios; em poucos meses, mais de quinhentos mil exemplares são vendidos na Alemanha e nos países germanófilos. Os proveitos dessas enormes tiragens, remete-os Chamberlain para os hospitais militares alemães como auxílio ao esforço de guerra. A 24 de Abril de 1915, um telegrama imperial confere a Cruz de Guerra àquele que, com a caneta na mão, luta com tanta eficácia quanto o soldado de armas na mão³⁰. No ano seguinte, o inglês mais germanizado do mundo, torna-se, oficialmente, cidadão alemão.

O fim da guerra e a derrota da Alemanha em 1918 e todo o rol de acontecimentos daí provenientes encontram um Chamberlain desapontado que acusa com veemência o seu país natal, a Inglaterra, de traição à raça germânica. As limitações territoriais, imensamente gravosas para a Alema-

²⁷ Seillière, Ernest, *La Sagesse de Darmstadt*, Paris, Librairie Félix Alcan, 1929, p. 63

²⁸ No *Novo Testamento* o termo é usado para designar «riqueza» e /ou «avareza». Durante a Idade Média, Mammon foi personificado como o Diabo da avareza, da riqueza e da injustiça.

²⁹ Cf Seillière, Ernest, *Ob. Cit.*, p. 66

³⁰ Cf Idem, *Ibidem*, p. 65

nha e para a raça germânica, impostas pelo Tratado de Versalhes, instituem aquilo que ele chama de «balcanização» da Europa, facto que lhe causa a maior indignação. As suas reflexões vão no sentido de considerar que a obra civilizadora empreendida durante séculos pelo espírito superior dos povos germânicos sofrera um rude golpe. Se porventura outro tivesse sido o desfecho da guerra, isso representaria a vitória do *Cosmos* sobre o *Caos*, desde Hamburgo até Bagdad³¹. A queda do Kaiser, a Revolução Alemã e a instituição da República de Weimar aparecem aos seus olhos como uma monstruosa conspiração judia ao serviço da política inglesa. Considera então indispensável a criação de uma lei ao abrigo da qual todos os judeus alemães seriam tratados como estrangeiros que, a qualquer momento, poderiam ser expulsos³².

Em 1919, ano em que são presos e executados os comunistas judeus Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, Chamberlain publica a sua autobiografia, *Lebenswege meines Denkens* (As Minhas Memórias). Atormentado pela sua doença que, agora com mais frequência lhe paralisa as mãos e lhe embaraça a língua, prossegue, no entanto, os seus trabalhos de investigação e de exegese, visando a obtenção dos fundamentos de uma religião essencialmente germânica (ideia obsessiva), publicando em 1921 o livro *Mensch und Gott* (O Homem e Deus). Desenvolve aqui a ideia de um Deus Pai (criação ariana) em oposição à ideia do Deus «Cruel e Castigador», dos judeus.

Envia então um exemplar ao seu amigo, o imperador deposto Guilherme II, exilado na Holanda, reatando assim uma correspondência interrompida em 1918. Nas suas respostas, este dá-lhe conta do grande apreço com que recebeu a obra, dizendo da enorme impressão que a mesma lhe causou e indo ao ponto de considerar Chamberlain um novo Lutero dado por Deus à Alemanha em tempos de infortúnio. Este será sempre o assunto principal das cartas que os dois homens trocarão até ao momento em que a correspondência cessa definitivamente, em 1923.

³¹ Cf. Idem, *Ibidem*, p. 68

³² Cf. Idem, *Ibidem*, p. 71

Nesse mesmo ano de 1923, a 30 de Setembro, dia da Alemanha, Chamberlain recebeu em Bayreuth a visita de Adolfo Hitler, à data somente conhecido como um fanático reaccionário. Impedido pela doença de articular qualquer palavra, o visitado limitou-se a observar e a escutar com muita atenção o homem que tinha na sua frente. Alguns dias mais tarde, com data de 7 de Outubro, endereçou uma carta ao futuro ditador. Da tradução em francês dessa carta, vejamos-se os seguintes destaques: “ En vérité vous n’êtes pas un fanatique comme vous m’aviez été décrit; je voudrais plutôt vous définir comme le contraire du fanatique. Le fanatique excite les esprits; vous échauffez les cœurs. Le fanatique veut persuader; vous voulez convaincre, seulement convaincre [...] Vous avez devant vous une tâche énorme, mais malgré votre force de volonté, je ne vous prends pour un homme de violence. [...] J’aurais pu tranquillement m’endormir et je n’aurais eu de besoin de me réveiller. Que Dieux vous protège”³³.

Não se sabendo, como é óbvio, o que é que, na realidade, Chamberlain viu em Hitler, a verdade é que, nestas palavras, profetizou nele o “Messias” enviado à Alemanha em hora de desgraça e isto numa altura em que ainda não eram levadas muito a sério as ideias e as bravatas do futuro Chanceler. Aquela carta apressou-se Hitler a divulgar posto que um tal encómio vindo de um escritor tão famoso como o era Chamberlain somente poderia contribuir para o prestigiar politicamente. Pouco depois, na prisão de Landsberg após o seu falhado *Putsch de Munique*, ao escrever o seu *Mein Kampf*, Hitler cita Chamberlain como um autor cujos ensinamentos deveriam ser seguidos pelas pessoas que então governavam a Alemanha. Porém não concordava com o ideal de um cristianismo germânico, afirmando que a este respeito, Chamberlain se enganara ao conceber o cristianismo como algo acima duma mera manifestação espiritual do ser humano.

Todas estas questões levantam uma outra cuja é a de saber qual a influência dos Grundlagen e de Chamberlain junto do nazismo e das suas principais figuras. Conquanto não possa ser questionada tal influência, a

³³ Dujardin, Edouard, *Ob. Cit.*, pp. 190-193.

mesma permanece contudo, imprecisa. Para além da discordância já citada, também a visão dos nazis quanto ao «problema judeu» não coincide exactamente com a de Chamberlain. De facto, enquanto as considerações deste vão no sentido de qualificar os judeus como uma ameaça para a pureza e integridade da raça e do mundo germânicos, os nazis vão mais longe e falam de uma conspiração internacional judaica contra a civilização ocidental e mormente contra o povo ariano. A medida mais severa proposta por Chamberlain em relação aos judeus foi, como se disse atrás, a da expulsão destes da Alemanha e note-se quão diferente ela é da «solução final» preconizada e encetada pelos nazis. Um outro aspecto ainda que poderia embaçar essa influência é o facto de, também em *Mein Kampf*, Hitler ter condenado publicamente os intelectuais nacionalistas cuja acção se havia limitado tão somente à escrita, deixando para outros a execução prática das ideias e das propostas. E no entanto, é inegável a repercussão que os *Grundlagen* e o seu autor tiveram junto do nazismo e dos seus mentores, a começar pela própria designação *Mein Kampf*, a qual parece ressoar do título *Der Kampf* atribuído por Chamberlain à terceira secção dos *Grundlagen*. Para Alfred Rosenberg, Reichsleiter do Partido Nazi e seu principal ideólogo, o livro de Chamberlain era leitura de cabeceira que pautava grande parte do sentir e agir da sua vida política. No seu livro *Evangelist of Race*, Geoffrey G. Field, professor de história da Columbia University of New York e biógrafo de Chamberlain, atesta que as suas influências atingiram uma extensa galeria de personagens do regime nazi, nomeadamente Hitler, Rudolf Hess, Himmler, Goebbels, Eckart e von Schirac e que intelectuais do nazismo como Alfred Bäumler, Walter Frank, Ernst Kriek e o Nobel da Física, Philipp Lenard guardavam-lhe um respeito filial³⁴.

³⁴ Cf. Field, Geoffrey G., “Evangelist of the Race, The Germanic Vision of Houston Stewart Chamberlain”, New York, Columbia, Univ. Press, 1981, p. 452, citado em *H.S. Chamberlain, Biography*, on line www.hschamberlain.net/index.html, 20/09/06

Quando em 1926, Hitler se deslocou a Bayreuth para visitar Chamberlain pela segunda e última vez, encontra então um homem muito envelhecido, inválido e amargurado. Presente nesse encontro, Joseph Goebbels descreve-o desta forma, no seu diário: «Cena chocante: Chamberlain numa poltrona. Abatido, resmungando com lágrimas nos olhos. Ele segura a minha mão e não a larga. Os seus olhos parecem fogo. Saudações para ti, pai espiritual! Eu estou muito perturbado. À despedida, ele resmunga, quer falar mas não é capaz – e então chora como uma criança. Adeus! Tu estarás connosco nas nossas horas de desespero. Lá fora a chuva cai no pavimento! Eu quero gritar, eu quero chorar»³⁵.

Alguns meses depois deste encontro, a 10 de Janeiro de 1927, com 71 anos de idade, morria em Bayreuth, Houston Stewart Chamberlain. As suas cinzas foram depositadas no cemitério local. Na sua pedra tumular foram gravadas as palavras seguintes: “Das Reich Gottes ist inwendig in euch” (Estás em tua casa, no Reino de Deus).

7 – Conclusão

Foi dito, a título introdutório, que o principal assunto a abordar seria a vida e a obra de Houston Stewart Chamberlain, estando implícita a ideia de uma síntese interpretativa da obra e da figura deste autor e do alcance e efeitos das suas ideias no mundo dos homens.

Procurou-se contextualizar a narração dos factos e interpretá-los à luz de uma compreensão da temática de fundo: a pretensa legitimação pela ciência de fenómenos anti-sociais como o racismo, aplicação de medidas de eugenia rácica, o arianismo, o anti-semitismo. Vimos que nestes campos, abundaram as teorias e os teorizadores. Importa sobremaneira compreender que tudo isso aconteceu num tempo em que o homem (cientista), bem

³⁵ Cf. “Primeiro Diário de Goebbels”, p. 83, citado em *H.S. Chamberlain, Biography*, on line www.hschamberlain.net/index..html, 20/09/06.

embebido na crença do *Cientismo*, se julgou com poderes suficientes para superar a natureza e de corrigir o que nela lia como desmandos ou insuficiências face a um modelo de sociedade que, imaginariamente, entendia como ideal e mesmo necessário. O racismo procurava velar pela pureza das raças, afirmando que neste estágio, elas são superiores às demais. Daí a pretendida afirmação da hegemonia histórica, económica, política, enfim, civilizacional, de alguns agrupamentos humanos em relação a outros. Em tudo isto algo soa a falso porque os teóricos racistas do século XIX não ignoravam, nem podiam ignorar, que, já à data, a população europeia, era, biologicamente, em todos os espaços, designadamente na Alemanha, o resultado de séculos ou mesmo de milénios de miscigenação. A prova de que estavam cientes de tal verdade, é a tentativa de implementação de medidas restritivas de procriação, no âmbito das quais, somente poderiam gerar prole os exemplares humanos que, afortunadamente, representassem ou se aproximassem, pelos seus traços físicos e mentais, do espécimen de ariano puro que haviam pensado e desenhado. A jusante, na ideologia nazi, houve, sem dúvida, a tentativa, em parte conseguida, de confundir pureza étnica com exacerbados nacionalismos históricos e linguísticos e uma acção propagandística tendente a criar no miscigenado povo alemão uma aversão a pessoas e costumes estranhos.

O anti-semitismo, existiu na Europa a partir do momento em que por aí erraram judeus na sua diáspora. Desde então baseado em preconceitos religiosos e económicos, tomou neste século XIX um rumo diferente, marcadamente laico e racista, que procurava distinguir nos semitas singularidades físicas, morais e mentais, de carácter hereditário, as quais, perante o perigo, sempre presente, da mestiçagem, se tornariam elementos que concorreriam definitivamente para a degenerescência da raça ariana. Entre os pais deste novo anti-semitismo situam-se, em lugar privilegiado, Joseph Arthur Gobineau e Houston Stewart Chamberlain.

Chamberlain, apologista do arianismo, foi sobretudo um defensor da «pureza racial» em prol de um refinamento do povo alemão. Isto pressupunha a instauração de uma nova ordem política, contrária ao liberalismo e

que negasse aos judeus, no plano jurídico e social, oportunidades e direitos iguais aos dos demais cidadãos. O seu livro *Os Fundamentos do Século XIX*, popularizando o mito ariano e afirmando, por um lado, a superioridade de um povo sobre o resto dos povos, é, por outro lado, uma das obras mais anti-semíticas, já escritas. O autor levou a sua apologética defesa do arianismo tão longe que, sendo cristão, tentou provar, num exercício de mero pensamento, que Cristo não era semita, mas, sim, ariano.

Este anti-semitismo, abraçado pelos nazis, sobretudo pela mão de Alfred Rosenberg, constitui-se como uma questão essencial da política hitleiriana e conduziu, como se sabe, à monstruosidade a que chamaram «solução final».

Nos dias de hoje em que o fenómeno do anti-semitismo ainda não desapareceu, é significativo que em alguns fóruns de discussão do tema, se apelide o mesmo de *Síndrome de Chamberlain*.

Bibliografia

- Chamberlain, Houston Stewart, *La Genèse du XIXème Siècle*, édition française par Robert Godet, sixième édition, Librairie Payot et C^{ie}, Paris, 1913.
- Dujardin, Edouard, *Rencontres avec Houston Stewart Chamberlain*, 4^{ème} édition, Éditions Bernard Grasset, Paris, 1943.
- Finot, Jean, *Le préjugé des Races*, versão castelhana, traduzida por José Prat, F. Sempere Y Compania, Editores, Valência, s. d.
- Pereira, Ana Leonor, *Darwin em Portugal, Filosofia, História, Engenharia social*, Livraria Almedina, Coimbra, 2001.
- Poliakov, Léon, *O Mito Ariano, Ensaio sobre as Fontes do Racismo e dos Nacionalismos*, Editora Perspectiva, São Paulo – Brasil, 1974.
- Idem, *Histoire de l'Antisémitisme, L'Europe Suicidaire, 1870-1933*, Calmann – Lévy, Paris, 1983.
- Seillère, Ernest, *La Sagesse de Darstadt*, Librairie Félix Alcan, Paris, 1929.
- Tort, Pattrick, *Dictionnaire du Darwinisme et de l'Évolution*, PUF, Paris, 1996.

Páginas da Internet

- “Página de Moçambique Editora, Dossiers Temáticos do Racismo – A. de Gobineau”, on line http://www.me.co.mz/educacao/dossiers/pagina.jsp?id_pagina=180, 19/09/06.
- Field, Geoffrey G., “Evangelist of the Race, The Germanic Vision of Houston Stewart Chamberlain”, New York, Columbia, Univ. Press, 1981, p. 452, citado em *H.S. Chamberlain, Biography*, on line www.hschamberlain.net/index.html, 20/09/06
- Galton's autobiography – último capítulo (race improvement), on line <http://galton.org/>, 20/09/06.
- Goldim, José Roberto, *Eugenia*, on line <http://www.ufrgs.br/bioetica/eugenia.htm>, 20/09/06.

Houston Stewart Chamberlain, Biography, on line www.hschamberlain.net/index.html, 20/09/06.

Ver “H. S. Chamberlain, *Biography* - The Writing Demon”, on line www.hschamberlain.net/index.html, 19/09/2006.

“Primeiro Diário de Goebbels”, p. 83, citado em *H.S. Chamberlain, Biography*, on line www.hschamberlain.net/index.html, 20/09/06.

Houston Stewart Chamberlain: apontamento breve

RESUMO

H.S. Chamberlain foi uma das principais figuras dos estudos rracicos do século XIX europeu. Inglês nascido em Southsea, estudou em França, Itália e Suíça, após o que, se fixou em Dresden – Alemanha. As suas atenções voltaram-se então para temas e questões rracicas, defendendo a superioridade dos europeus e dentro destes a «excelência» dos germanos. Estampou as suas ideias no seu livro *Os Fundamentos do Século XIX* e com isso contribuiu decisivamente para a popularização do «mito ariano» e para o anti-semitismo. Neste campo, constituiu-se como uma referência para o regime nazi alemão.

Palavras-chave: Alemanha; Chamberlain; Arianismo; Nazismo; Racismo

Houston Stewart Chamberlain: Brief Notes

SUMMARY

H.S. Chamberlain was one of the main characters in European XIX century racial studies. An Englishman born in Southsea that studied in France, Italy and Switzerland. He then settled in Dresden, Germany. His attention turned

to racial themes and issues, defending the superiority of Europeans and amongst these, the «excellence» of the Germans. He stamped his ideas in his book *The Foundations of the XIX Century* and with it contributed to making the “Aryan myth” and anti-Semitism popular. He became a reference in this field to the German Nazi Regime.

Keywords: Germany; Chamberlain

Houston Stewart Chamberlain: brève note

RÉSUMÉ

H.S. Chamberlain fût l'une des principales figures des études raciales du XIXe siècle européen. C'était un anglais, né à Southsea, il étudia en France, en Italie et en Suisse, à la suite de quoi, il se fixa à Dresden – en Allemagne. Son attention se tourna alors vers les thèmes et les questions raciales, défendant la supériorité des européens et parmi eux «l'excellence» des allemands. Il publia ses idées, dans son livre *Les Fondements du XIXe siècle* et contribua, ainsi, de façon décisive à la popularité du «mythe arien» et à l'anti-sémitisme. Dans ce domaine, il devint une référence pour le régime nazi allemand.

Mots-clés: Allemagne; Chamberlain

ÍNDICE

1 – Introdução	7
2 – Darwinismo e Racismo	10
3 – Infância e Juventude	12
4 – Obra capital	15
5 – Um Cristo Ariano	20
6 – Os Anos de Bayreuth	23
7 – Conclusão	28
Bibliografia	31
Resumo/Abstract	33

Os Cadernos do CEIS20 são publicados pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra-CEIS20.

Esta publicação, de pequena dimensão, tem por objectivo dar a conhecer resultados parciais ou finais de pesquisas realizadas no âmbito deste Centro e reflectem, por isso, a actividade de investigação efectuada. Os trabalhos publicados têm que ser inéditos e devem incentivar o debate de temas e de problemas do século XX.

Coordenação: João Rui Pita

2



CEIS 20
CENTRO DE ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
DO SÉCULO XX
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

TRABALHOS DE PESQUISA

ISBN-13:978-972-8527-05-8
ISBN-10:972-8627-05-X



9 789728 627058